

Uma programação televisiva que desrespeita as determinações da ERC

Felisbela Lopes¹

1 > O conceito de programação televisiva

Olhando para a programação televisiva de um canal, percebemos que esta cumpre várias funções: confere uma identidade às estações de TV, orienta os produtores de conteúdos, permite uma compreensão global da grelha, fornece mapas de referência às audiências... Se, por um lado, exhibe um *continuum* de emissões, por outro, aperta a oferta televisiva numa determinada malha que confere a cada programa um sentido para lá daquilo que intrinsecamente significa. Referimo-nos a um conceito complexo que tem merecido a atenção de vários investigadores, principalmente depois do aparecimento das estações privadas, momento a partir do qual o audiovisual passou por alterações a todos os níveis: semântico, sintáctico e pragmático. Destacaremos neste ponto algumas das propostas teóricas que nos parecem significativas: as de Raymond Williams, de Cebrian Herreros, de Nora Riza, de Gonzalez Requena, de Jean-Pierre Esquenazi e as de Guy Lochard e Henri Boyer.

No modelo televisivo a que Umberto Eco (1985) chamou “*paleotelevisão*”, o fluxo televisivo integrava um conjunto de programas, apresentando cada um deles um contrato de comunicação preciso, resultante de uma clara delimitação de conteúdos (informação, ficção, emissões culturais) e de uma divisão específica de públicos (programas para as crianças, para os aficionados do desporto automóvel, para os amantes da natureza...). As emissões eram definidas em função das três grandes finalidades comunicativas da actividade televisiva: distrair, informar e educar. Consequentemente, havia “*o momento do espectáculo, dedicado ao divertimento; o da informação ao longo do qual ficávamos a saber as notícias; e o de aprendizagem onde (nos) enriquecíamos*” (Negri et al, s/d). Os próprios nomes dos programas ajudavam o telespectador a operar essa diferenciação, orientando-o para consumos específicos. Ao contrário daquilo que se passa hoje, nessa altura uma emissão nunca era comprada/planeada para uma determinada franja horária. Produzia-se primeiro e procedia-se à sua inclusão na grelha depois. Neste contexto, há uma sintaxe mais fácil de delimitar. Cada emissão assumia um carácter distintivo, sem reunir

¹ Investigadora do Centro de Estudos Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. Artigo escrito no âmbito do projecto “Jornalismo televisivo e cidadania: os desafios da esfera pública digital” [FCT PTDC/CCI-JOR/099994/2008].

em si regras de combinação. A frase que constituía circunscrevia-se a si própria, sem existir grande preocupação de remeter para contextos mais vastos. Esse contexto fechou-se com o surgimento de um panorama audiovisual onde operam vários canais de televisão, que Umberto Eco designou como “*neotelevisão*” e que, no início do século XXI, evoluiu para aquilo que se pode considerar a “*pós-neotelevisão*”.

Os trabalhos de Raymond Williams constituem um marco pioneiro nos estudos académicos contemporâneos sobre a programação televisiva. Ao analisar pormenorizadamente a articulação das emissões informativas de vários canais britânicos e norte-americanos, este sociólogo fez notar a emergência de uma nova forma de comunicação televisiva que explicou no livro *Television, Technology and Cultural Form*, publicado em 1975. Segundo Williams, a organização da oferta televisiva não segue uma lógica estática, ou seja, uma mera distribuição e ordenação de programas descontínuos, mas um “*fluxo planificado*” (1975: 86-96), assumindo-se o pequeno ecrã como uma ininterrupta sucessão de imagens pensada a um nível superior, o que caracteriza a radiodifusão como tecnologia e, simultaneamente, como forma cultural. A televisão deixa de valer pelos programas singulares que transmite para readquirir o seu valor através da soma de todos eles, ou seja, pelo contínuo fluxo de imagens e sons cuja lógica, na sua opinião, escapa ao telespectador. Isto significa que uma análise isolada dos programas sem ter em conta pelo menos a franja horária em que eles são transmitidos ver-se-á empobrecida. Ao optarmos por um estudo desse tipo, estaríamos ao nível daquilo que Williams denomina “*análise de médio alcance*” (estudo da estruturação de determinadas unidades programáticas do fluxo televisivo). Talvez possamos estranhar o tempo durante o qual esta investigação se desenvolveu, mas é preciso prestar atenção às coordenadas espaciais onde ela assentou. Raymond Williams centrou o seu estudo nas realidades britânica e norte-americana, ou seja, num panorama audiovisual onde operavam vários canais: em Inglaterra o primeiro canal privado (ITV) surgiu em 1954 concorrendo com a BBC, cujas primeiras emissões se iniciaram a 2 de Novembro de 1936; nos EUA a televisão nasceu ligada ao sector privado, registando-se, de imediato, um número considerável de canais em concorrência aberta uns com os outros. Num quadro em que existem várias estações televisivas à procura de audiência, exige-se um cuidado acrescido com a oferta televisiva, o que não acontece quando existe somente um operador que detém a exclusividade da actividade televisiva. Por isso, em terreno europeu onde genericamente a TV surgiu como monopólio do sector público, os estudos à volta da programação apenas se desenvolveram com o advento das televisões privadas, fenómeno com alguma flexibilidade temporal consoante os países em causa. Num contexto audiovisual tido como concorrencial, a oferta televisiva absorve grande parte das preocupações de quem dirige um canal de TV e, conseqüentemente, a problematização deste conceito não pode ser ignorada pelos investigadores.

Em Itália, Nora Rizza (1990), através de entrevistas com programadores, procurou analisar os factores que subjazem à prática diária da construção de uma grelha, retomando o termo “*palimpsesto*” para falar da programação televisiva, definindo-o como a disposição sucessória de uma série de programas, num certo período temporal, segundo uma determinada lógica. Parece-nos uma recuperação conceptual bem conseguida. Tal como outrora os manuscritos em pergaminho eram tidos como material caro, também os programas televisivos implicam custos avultados. À semelhança dos copistas medievais que raspavam o pergaminho para nele escreverem de novo, também os programadores televisivos vão apagando da grelha alguns programas para nela introduzirem novas emissões. Tal como antigamente era possível fazer reaparecer em parte os primitivos caracteres, uma análise cuidadosa de uma grelha televisiva permite encontrar indícios daquilo que foram as opções tomadas noutras épocas. Rizza centra a sua análise no processo de construção da grelha, acreditando que dessa opção resultam elementos que dificilmente se tornariam visíveis se apenas se tivesse em conta a oferta televisiva que chega ao telespectador. Combinando informações técnicas do trabalho do programador com outras relacionadas com as rotinas de produção, a autora conclui que a natureza do “*palimpsesto*” televisivo está condicionada por factores tão diversos como os recursos económicos da estação, a audiência prevista, a imagem e a identidade do canal, a oferta da concorrência, a possibilidade de produção ou a aquisição dos conteúdos. A sua função é maximizar a audiência, ou seja, organizar a programação de forma a que um programa se dirija a um determinado público (target) e o satisfaça. Perceber a sintaxe de um canal é, seguindo este ponto de vista, conhecer os elementos que a determinam e que se situam tanto no interior do dispositivo televisivo como naquilo que lhe é exterior. São eles que constituem as regras de combinação dos micro-elementos (as emissões) que dão corpo ao macrotexto televisivo (a grelha). Casetti e Odin juntam outros elementos que ajudam a perceber a organização da oferta televisiva num contexto de concorrência. Na sua perspectiva, a “*contaminação e o sincretismo*” são o princípio organizador de uma grelha em que a “*estrutura sintagmática tende para o fluxo contínuo*” (1990: 16-17). Os autores falam mesmo de programas *omnibus* onde cabem a informação, a ficção, o espectáculo, a publicidade, provocando a impressão de “*uma emissão proteiforme, mas única*”. Essas emissões integram-se numa lógica de fluxo, caracterizando-se por uma “*hiper-fragmentação*” (Casetti et al, 1990: 18), que permite a integração de vários micro-segmentos. Esta evolução que se deu no modo de entender a programação não se deve apenas à multiplicação de canais de televisão. Não foram somente factores tecnológicos a causa das modificações ocorridas, mas também mutações económicas, políticas, sociais e culturais. A valorização de certas franjas horárias, por exemplo, não pode ser encarada apenas como uma iniciativa unidireccional do programador, mas deve ser lida à luz das modificações das formas de vida (emprego e lazer). Atendendo à disponibilidade que as pessoas têm para ver televisão, os programadores vão procurando optimizar as audiências disponíveis.

Em Espanha, Mariano Cebrian Herreros foi um dos primeiros académicos a estudar o fenómeno da programação, dedicando a esta problemática dois capítulos do livro *Introducción al lenguaje de la televisión. Una perspectiva semiótica*, editado pela primeira vez em 1978². Em *Información Televisiva: Mediaciones, Contenidos, Expresión y Programación* publicado duas décadas depois, Cebrian Herreros [1998: 429] afirma que “a competitividade [entre as estações] levou ao desenvolvimento de estratégias tão complexas que se chega a falar de engenharia de programação”. Por seu lado, Jesus González Requena [1995] encara a programação como um “*macrodiscurso*”, capaz de integrar no seu interior todos os sistemas semióticos, actualizados acústica e visualmente. Uma grelha televisiva seria uma unidade discursiva superior às unidades que contém, com a capacidade de submeter tudo o que alberga à sua lógica, procedendo não raras vezes à fragmentação de subunidades com alguma violência³. A introdução do conceito de discurso no âmbito da programação permite, de acordo com Requena [1995: 27], não só “descobrir em todo o processo de comunicação âmbitos de significação que escapam à consciência e vontade dos seus agentes”, como também “analisar em profundidade o papel estrutural desempenhado pela televisão na cultura de massas”. Essa influência não resultaria apenas da actuação isolada de certos programas, saindo antes de um discurso de ordem superior, de efeitos psicológicos, ideológicos e sociais manifestos. Ao olhar uma grelha televisiva à luz de uma significação global e de uma lógica genérica de construção, ultrapassa-se a oferta em si, havendo uma implicação de todos os indivíduos afectados por ela, ou seja, os diversos públicos. Se, por um lado, a audiência se vê confrontada com informação que espalha a grelha em emissões específicas (atenda-se, por exemplo, à programação anunciada pelos jornais e revistas especializadas; aos intervalos entre as emissões que pontuam o final de determinado programa; aos genéricos de abertura dos programas...), por outro lado, as pessoas servem-se frequentemente da expressão “*ver televisão*”, evidenciando, através dela, que entendem essa acção na sua generalidade.

Esta ideia de encarar a grelha como integradora de dois níveis aparentemente contraditórios – o da continuidade e o da fragmentação – é adoptada por outros teóricos. Em França, Jean-Pierre Esquenazi refere-se ao fluxo televisivo como a “*edificação de uma continuidade por hiper-fragmentação*” [1996: 63]. Se se reconhece que cada programa impõe momentaneamente a sua velocidade, também se sublinha que cada fragmento da programação integra uma macrodiscursividade que garante a identidade do canal e que, por outro lado, assegura à televisão o papel de se constituir como “*uma instituição que regula o conjunto dos seus actos discursivos*” [1996: 28].

² Os capítulos intitulam-se “*La especificidad de la continuidad programática*” e “*La programación como obra unitária*”.

³ Os filmes e as séries sofrem frequentemente cortes não previstos pelas respectivas filmagens para darem lugar a intervalos publicitários.

A oferta televisiva como uma realidade composta por elementos específicos (os programas) inseridos num macrodiscurso global (a grelha) é uma perspectiva adoptada por vários teóricos. *“Um lugar de construção de um discurso global associando diferentes componentes”* é a definição que Guy Lochard e Henri Boyer (1995: 95) apresentam para a programação, sublinhando, no entanto, que esse não é o modo como o telespectador apreende a grelha televisiva, encarando-a, antes, como *“uma sucessão de enunciados autónomos, portadores de significações e valores independentes”* (1995: 97). A forma como se processa a recepção das mensagens televisivas não corresponde àquilo que se passa no momento da sua inserção numa grelha. A este nível, cada uma das emissões adquire o seu valor através das relações estabelecidas com os restantes componentes, formando um todo que se pretende equilibrado e, ao mesmo tempo, diversificado, dependendo essa diversidade da natureza (temática ou generalista) do canal.

Das propostas referidas, sai uma ideia de programação televisiva entendida em termos de *“macrodiscurso”*. Sublinhe-se que os investigadores apontados desenvolveram o seu trabalho tendo como referência um Panorama Audiovisual pluralista, composto por canais privados e de serviço público. Neste novo quadro, os programas deixaram de ser unidades autónomas para se converterem em fragmentos que adquirem o seu valor de acordo com a franja horária que ocupam e com o canal que integram. Enquanto nos primórdios da TV as emissões estavam separadas umas das outras por sinais de pontuação que as isolavam, na era pós-desregulação promovem-se marcas de conjunção que assinalam uma certa interdependência entre elas. Os programas já não são apresentados em sucessão, mas em sobreposição. Ao contrário daquilo que se passava em regime de monopólio, os conteúdos não cabem nos chamados géneros clássicos, surgindo conceitos que reflectem o esbatimento entre as fronteiras da informação e do entretenimento. A passagem do século exacerbou estas tendências.

2 > A Lei de TV, o contrato de concessão de serviço público de televisão e as recomendações da ERC

Enquadrada por diversos textos normativos, a televisão em Portugal não tem sobre si vigorosas orientações em matéria de programação. Do documento que se assume como matriz do audiovisual, a Lei de Televisão, recolhem-se princípios gerais, como seria expectável deste tipo de legislação. No período que aqui nos ocupa, esteve em vigor a Lei nº27/2007, de 30 de Julho, que estipula como obrigações gerais dos operadores de televisão, nomeadamente dos generalistas, o seguinte:

“a) Assegurar, incluindo nos horários de maior audiência, a difusão de uma programação diversificada e plural;

- b) Assegurar a difusão de uma informação que respeite o pluralismo, o rigor e a isenção;*
- c) Garantir uma programação e uma informação independentes face ao poder político e ao poder económico”*

A formulação é genérica, e assim é de esperar de qualquer articulado deste género, mas a redacção tal como está abre zonas de ambiguidade. À luz desta lei, um canal generalista pode, em franjas de maior audiência, centrar a sua programação num determinado tipo de oferta e promover alguma diversidade em horários com um inexpressivo número de telespectadores. Na prática poderá ser um canal temático; mas a nível legal poderá reivindicar a sua natureza generalista.

Imposições do Contrato de Concessão de Serviço Público de Televisão

Na nossa perspectiva, não há um jornalismo para o serviço público de televisão (SPT) e um jornalismo para as estações privadas. Mas pode [deve] haver uma informação que será mais específica dos operadores públicos. No que diz respeito ao trabalho que desenvolvem, os jornalistas de uma TV pública ou privada têm as mesmas obrigações e os mesmos direitos: fazem parte da mesma classe com cujos elementos partilham princípios éticos e deontológicos e um quadro legal intrínsecos à profissão. No entanto, uma estação pública e uma estação privada não deveriam seguir a mesma engenharia de programação e as mesmas prioridades na construção dos alinhamentos dos noticiários. No caso português, a RTP está submetida a um Contrato de Concessão de Serviço Público assinado com o Estado e a cláusulas legais específicas fixadas na Constituição da República Portuguesa e na Lei da Televisão que a obrigam a especiais cuidados. No período que nos ocupa aqui estava em vigor o Contrato assinado em Março de 2008, um documento que apresentava “obrigações mínimas de serviço público” para os canais do universo RTP. No caso da RTP1, a cláusula 9ª estipula que o canal generalista deve, pelo menos, incluir o seguinte:

- “a) Espaços regulares diários em que sejam noticiados e devidamente contextualizados os principais acontecimentos nacionais e internacionais;*
- b) Espaços regulares de debate com intervenção de personalidades representativas da vida política e social portuguesa;*
- c) Espaços regulares de entrevista a personalidades que se destaquem na sua actividade profissional ou cívica;*
- d) Espaços regulares sobre a actividade política nacional, que tenham em conta a pluralidade e a representatividade dos partidos políticos com assento nas instituições parlamentares;*
- e) Espaços regulares de grande reportagem;*
- f) Espaços regulares de difusão de documentários originais, focando a realidade social, histórica, cultural, ambiental, científica ou artística portuguesa.”*

Face a estas disposições, no mesmo artigo considera-se exigível a seguinte frequência mínima:

- “a) Três vezes por dia, para os noticiários;*
- b) Semanal, para os programas de informação sobre as instituições políticas e promoção da cidadania, para os programas de debate e entrevista e para os programas de divulgação cultural;*
- c) Mensal, para os programas de grande reportagem e documentários, assim como para a exibição de longas-metragens portuguesas.”*

A RTPN (que viria a alterar o nome para RTP Informação a 19 de Setembro de 2011), segundo o Contrato de Concessão de Serviço Público (2008), destina-se à seguinte actividade:

“Prestação especializada de informação nas suas diferentes formas, designadamente noticiários, reportagens, documentários e debates, com destaque para temas, ideias e protagonistas não habitualmente representados na comunicação social, como os que relevam da área cultural ou científica, e concedendo especial atenção a temas com interesse para regiões e comunidades específicas” (Cláusula 13ª)

Determinações da ERC para a TV privada

Recuando até ao aparecimento da SIC (Outubro de 1992) e da TVI (Fevereiro de 1993) e relembrando como era nessa altura a respectiva oferta televisiva, constatamos que, ao longo do tempo, as grelhas mudaram substancialmente ao ponto de tornarem irreconhecíveis os projectos iniciais de ambos os canais privados, mas de concessão pública. Em Junho de 2006, a Entidade Reguladora para a Comunicação Social aprova a primeira renovação das licenças dos canais privados através de uma deliberação que não se circunscreve a um puro acto administrativo. Nesse documento (1-L/2006 com a data de 20 de Junho), fixam-se algumas linhas de programação que obrigam a SIC e a TVI a inflectirem uma tendência que, desde 2001, as tinha convertido em canais monotemáticos de entretenimento no que ao horário nobre dizia respeito. Nesse texto, sublinha-se o seguinte:

“Relativamente a algumas obrigações assumidas pelos operadores televisivos – quer por decorrência directa da lei, quer porque a isso se comprometeram na apresentação da respectiva candidatura [em 1990] ou em momento posterior – verifica-se um cumprimento pouco satisfatório”⁴.

⁴ Da parte da SIC, salientam-se como incumprimento os seguintes aspectos: diminuição progressiva do número de jornais informativos (quatro em 1990, três em 1999, dois em 2005); desaparecimento de programas especializados no campo da reportagem nacional e internacional, da entrevista e do debate com autonomia relativamente aos blocos informativos das 13h00 e das 20h00, em claro incumprimento dos compromissos assumidos em 1999; eliminação do *flash* informativo diário, contemplado no projecto de 1999; emissões destinadas a públicos infantis remetidas para horários pouco adequados, de se-

Face a isto, a ERC determinou que os operadores privados cumprissem várias obrigações. Destacamos aqui as seguintes:

- “Emitir um mínimo de três blocos noticiosos diários.
- Emitir programas de informação dos subgéneros debate e entrevista, autónomos em relação aos blocos noticiosos diários, com periodicidade não inferior a semanal.
- Diversificar os géneros da programação emitida no chamado horário nobre (20h00-23h00).”

Ambas as estações consideraram as referidas orientações abusivas (Diário de Notícias, 8 de Agosto de 2006). Conhecida essa discordância da parte dos responsáveis dos canais privados em relação à decisão dos membros do órgão regulador dos media, esperar-se-ia, no entanto, que algo mudasse na oferta televisiva.

Numa análise feita à oferta informativa proporcionada pelos canais generalistas privados em 2006 e em 2007, concluímos que SIC e TVI continuavam a ser “*canais monotemáticos de entretenimento*”, como vinha acontecendo desde finais de 2000 (Lopes, 2007a). No final da primeira década e no início da segunda do século XXI, repetimos essa análise, alargando essa amostra ao canal generalista de serviço público (RTP1) e aos três canais temáticos de informação que emitem através do cabo (SIC Notícias, RTPN e TVI 24). Ao longo de dez meses (entre Setembro de 2010 e Junho de 2011), analisámos as grelhas de programação dos três canais generalistas e dos três canais temáticos em horário nocturno, tendo em conta para esse estudo programas com alguma perenidade (pelo menos dois meses de emissão).

3 > Mapeamento da programação informativa nos canais generalistas e temáticos de informação

3.1 > RTP1: uma informação de formatos diversificados

O canal generalista de serviço público é aquele que apresenta uma oferta informativa mais diversificada em sinal aberto. Para além do tradicional noticiário diário das 20h00, a RTP1

gunda a sexta e desaparecidos da grelha de programas em 2006; programação cultural com presença reduzida na grelha e emitida em horários de audiência diminuta. Da parte da TVI, sublinha-se o seguinte: emissões destinadas a públicos infantis remetidas para o fim-de-semana; programação cultural esporádica e emitida em horários de audiência reduzida, ausência de programas especializados no campo da reportagem nacional e internacional, da entrevista e do debate, autónomos em relação aos blocos informativos das 13h00 e das 20h00, em claro incumprimento dos compromissos assumidos em 1999; eliminação do *flash* informativo diário contemplado no projecto de 1999.

emite, em horário nobre e ao ritmo semanal, formatos nos principais géneros jornalísticos: debate, entrevista e reportagem.

Em Setembro de 2010, o director de programação do operador público José Fragoso defendia que o canal dedicava uma *“atenção muito especial [à informação]”*: *“Temos formatos permanentes, não andamos a dizer que vamos investir na informação e daqui a duas semanas acabamos com um programa...”*. Considerando a informação uma *“pedra fundamental”* da programação da RTP, Fragoso explicava assim a articulação com o director de informação:

“Temos uma linha aberta permanente para a informação, que entra na programação sempre que desejar. O José Alberto Carvalho [na altura, director de informação] telefona-me e diz-me que precisa de fazer um extra sobre isto ou aquilo e nós abrimos a janela para a informação. No dia-a-dia é feito com esta simplicidade que estou a dizer” [“Correio da Manhã”, 24 de Setembro de 2010].

Na cerimónia de apresentação da grelha de Outono/Inverno 2010, estes directores de programação e informação afirmaram que o *“triunfo da RTP é a diversidade”*, garantindo que *“as audiências não são uma preocupação, mas o reflexo do trabalho”* dos jornalistas do operador público (DN, 1 de Outubro de 2010). Não apresentando nenhuma novidade assinalável na grelha deste período, a aposta da RTP na informação parece reflectir uma lógica de continuidade.

Quadro 1 > Oferta informativa da RTP1 (Setembro de 2010 a Junho de 2011)

NOME DO PROGRAMA	SINOPSE	PERIODICIDADE	DIA DA SEMANA
Telejornal	Noticiário da hora do jantar	Diário	Todos os dias
Vidas Contadas	Programa de reportagem de histórias de vida	Semanal	Segunda-feira
Prós e Contras	Espaço de debate público	Semanal	Segunda-feira
30 Minutos	Programa de mini-reportagens	Semanal	Terça-feira
Linha da Frente	Reportagens especiais	Semanal	Quarta-feira
Corredor do Poder	Debate político com uma nova geração de políticos	Semanal	Quinta-feira
Grande Entrevista	Espaço de entrevista semanal	Semanal	Quinta-feira
Serviço de Saúde	Espaço de debate sobre questões de saúde	Semanal	Terça-feira

Como se pode depreender pela análise do Quadro 1, a RTP1 oferece uma grelha informativa diferenciada. O horário nobre abre com o Telejornal e o serão segue, em determinados dias da semana, com formatos específicos, muitas vezes por acumulação. Quando comparado com os outros canais generalistas, o serviço público diferencia-se nos géneros entrevista com Grande Entrevista e debate com Prós e Contras e Corredor do Poder. Estes dois últimos programas são diferentes entre si. Enquanto o primeiro tem um tema próprio todas as semanas e convidados diferentes em cada emissão, o segundo integra um painel fixo e um tema de discussão assente na actualidade política nacional. A reportagem encontra espaço através de 30 Minutos (um bloco de reportagens curtas), Vidas Contadas (um formato de reportagem sobre casos de vida) e Linha da Frente (um formato de reportagem de temática diversificada). Na primavera de 2011, a RTP fez reaparecer um formato temático: Serviço de Saúde, um debate moderado pela jornalista Maria Elisa à volta das doenças que mais afectam os portugueses.

3.2 > SIC: uma informação aquém das expectativas criadas

Líder de audiências de 1995 a 2000, a SIC vem alternando, ao longo da primeira década do século XXI, entre o segundo e o terceiro lugar com a RTP1. Tendo sido um canal com uma forte aposta na informação nos anos 90, este canal foi subalternizando esse tipo de oferta televisiva (Lopes, 2007b). Nos últimos meses de 2010, os programas informativos circunscrevem-se a um grupo muito reduzido.

Por altura da preparação da grelha da rentrée de 2010, o director-geral da SIC, Luís Marques, assegurava que o canal estava a preparar um *“grande investimento na informação”*. O responsável pela estação referia-se em particular a Condenados e Histórias com Gente Dentro, dois formatos apresentados como apostas do canal (Correio da Manhã, 29 de Agosto de 2010). Poucos dias depois destas afirmações, o director de informação da SIC, Alcides Vieira, anunciava um reforço na área informativa, justificado pela *“realidade política e económica do país, muito rica até ao final do ano”* (JN, 8 de Setembro de 2010). Sinal desse esforço seriam certamente os “especiais de informação”, organizados semanalmente numa lógica que acompanharia a dinâmica da actualidade e da agenda noticiosa, tendo a coordenação do jornalista Miguel Sousa Tavares.

As duas novidades da grelha de Outono/Inverno de 2010 são diferentes entre si. Condenados é constituído por quatro emissões com quatro histórias relacionadas com a área da justiça, resultantes de investigação jornalística sobre a vida de condenados em julgamentos polémicos. Segundo Alcides Vieira, *“o objectivo é inovar dentro desta área, que tem um grande peso no horário nobre, e apostar forte na reportagem”* (Correio da Manhã, 29 de Agosto de 2010). De acordo com a responsável pelo programa, a jornalista Sofia Pinto Colho, Condenados propõe-se a *“explorar um conjunto de elementos que não foram tidos em conta ou não foram julgados”* (Jornal

de Notícias, 27 de Outubro de 2010]. Histórias com Gente Dentro é o regresso de um formato que conta histórias extraordinárias protagonizadas por pessoas ordinárias. *“Toda a gente tem uma boa história para contar, o que é preciso é saber ouvir. Histórias com Gente Dentro cumpre isso”*, refere Ana Sofia Fonseca, a jornalista responsável pelo programa [JN, 29 de Outubro de 2010].

Na *rentrée* de Outono de 2010, o director de informação da estação dizia, em entrevista ao Correio da Manhã, que, *“para além das notícias do dia, a SIC teria diariamente uma oferta diversificada, como uma espécie de complemento ao jornal”*. Quando questionado sobre a ausência de um espaço de entrevista e debate na grelha da SIC, Alcides Vieira disse não pretender apresentar uma grelha fechada: *“temos especiais de informação dois dias por semana, e haverá muitos em que será entrevista. Não queremos ter uma grelha previsível. O correcto é ser o jornalismo a reagir aos assuntos de actualidade, seja através de uma entrevista, de um debate cujo formato e o dia não têm de estar predefinidos. Os factos é que o determinam. Fechar uma grelha é redutor”* [CM, 29, de Outubro de 2010]. À distância destas afirmações, constata-se que esta não foi a política da estação que, para além das rubricas do Jornal da Noite e dos formatos de reportagem previstos, pouca informação ofereceu, mesmo ao nível de emissões especiais. Com o passar do tempo, os programas de reportagem anunciados terminaram, sem haver qualquer renovação a esse nível.

Quadro 2 > Oferta informativa da SIC na grelha de Outono/Inverno de 2010

NOME DO PROGRAMA	SINOPSE	PERIODICIDADE	DIA DA SEMANA
Jornal da Noite	Noticiário da hora do jantar	Diário	Todos os dias
Condenados	Série de reportagens que investigava erros dos tribunais	Semanal	Quarta-feira
Histórias com Gente Dentro	Reportagens sobre percursos de pessoas	Semanal	Sexta-feira
Perdidos e Achados	Bloco de reportagens especiais	Semanal	Sábado
Grande Reportagem	Programa de reportagem	Semanal	Domingo

A noite informativa da SIC não regista grandes variações. O Jornal da Noite é o noticiário de referência da estação, estendendo-se frequentemente por 90 minutos que podem contemplar reportagens especiais, entrevistas e debates em estúdio (por exemplo, a partir de Setembro de 2010 Miguel Sousa Tavares passou a ter um espaço de comentário dentro do próprio Jornal da Noite de segunda-feira). Na informação não-diária, a SIC apresenta, sobretudo, formatos de reportagem, muitas vezes indistintos do noticiário das 20h00. Histórias com Gente Dentro aparece frequentemente como um segmento

do Jornal da Noite de sexta-feira, tal como Pedidos e Achados se constitui como uma rubrica que recupera e actualiza histórias antigas, sendo emitida no noticiário de sábado. O fim-de-semana é o período em que a informação semanal adquire mais expressividade com a Grande Reportagem, o formato de referência da TV. É este programa que mais se salienta na SIC, quando se fala de informação não-diária. Na grelha de Outono de 2010, houve outros formatos. Que não perduraram.

3.3 > TVI: quando a informação não é uma aposta visível

Dos três principais canais generalistas, a TVI é aquele que tem uma oferta quantitativamente mais reduzida. A estação que, em 2010, foi líder de audiências emitia de forma regular apenas dois conteúdos informativos à noite ao longo da semana: um noticiário e um programa de reportagem. O final de 2009 foi complicado para a estação, acusada pelo então primeiro-ministro de parcialidade informativa contra o Governo e a braços com uma tentativa gorada de oferta de compra por parte da PT. Essa conjuntura ditou uma crise interna, da qual resultou a saída do director-geral José Eduardo Moniz e da sua mulher Manuela Moura Guedes, a principal pivot do noticiário das 20h00. Em Setembro de 2009, é designado um novo director de informação da TVI, o jornalista Júlio Magalhães, cuja estratégia passou não pela criação de formatos novos, mas por retocar conteúdos existentes, à custa, por exemplo, da contratação de comentadores, todos da área política: Marcelo Rebelo de Sousa (comentário no Jornal Nacional de domingo), Manuel Maria Carrilho e Santana Lopes (debate no Jornal Nacional de sábado). Este grupo juntava-se a António Perez Metelo, um jornalista com espaço fixo de opinião no Jornal Nacional de terça-feira. De acordo com o director de informação da TVI, estes novos elementos da equipa de comentadores vinham “*dar um importante contributo numa área que é de grande importância para a estação*” (Jornal de Notícias, 12 de Outubro de 2010).

Em Abril de 2011, a TVI vê chegar à estação uma nova direcção de informação: José Alberto Carvalho e Judite de Sousa deixam a direcção de informação da RTP e mudam-se para esta estação privada. Não é ainda na grelha da primavera que se vêem alterações de fundo na informação não-diária, embora a transferência de Judite de Sousa introduzisse no noticiário da noite algumas entrevistas. Por exemplo, a banqueiros, em plena crise financeira do país. A maior mudança, no início do mandato desta dupla, dá-se no Jornal Nacional que, a 6 de Maio de 2011, muda o nome para Jornal das 8. O director de informação explica as razões: “*A mudança de nome foi para marcar de forma definitiva a nova fase de informação da TVI*” (revista Noticias TV, 20 a 26 de Maio de 2011).

Quadro 3 > Oferta informativa da TVI na grelha de Outono/Inverno de 2010

NOME DO PROGRAMA	SINOPSE	PERIODICIDADE	DIA DA SEMANA
Jornal Nacional/ Jornal das 8	Noticiário da hora do jantar	Diário	Todos os dias
Repórter TVI	Programa de reportagem	Semanal	Segunda-feira
Jornada	Resumo da jornada futebolística	Semanal	Domingo

Entre Setembro de 2010 e Junho de 2011, a maior parte da oferta informativa da estação centra-se nos noticiários. Tal como a SIC, também a TVI reserva espaço de comentário individualizado no Jornal Nacional. Esta estação apenas oferece um espaço de reportagem semanal às segundas-feiras: Repórter TVI, um formato que, ao longo deste período, conquistou boas audiências para o canal. Com a nova época desportiva de 2010, veio também um novo formato de rescaldo da jornada futebolística. O programa Jornada traz a estúdio dois ex-jogadores (João Vieira Pinto e Pedro Barbosa) e um ex-árbitro (Pedro Henriques) para dissecar o que se passou nos relvados portugueses ao longo do fim-de-semana.

3.4 > SIC Notícias: um canal líder de audiências e plural nos conteúdos

Estávamos em Janeiro de 2001, quando a televisão por cabo em Portugal passou a receber o contributo da SIC Notícias, o primeiro canal de notícias que, ao longo da primeira década do século XXI, tem sido muitas vezes líder no cabo. Esta popularidade é reiteradamente sublinhada pelos seus responsáveis: “A SIC Notícias é líder no cabo, o que é extraordinário, porque não acontece em nenhum outro lugar do Mundo um canal de notícias ser líder. É uma marca de qualidade indiscutível”, sublinha o director-geral da SIC, Luís Marques (Correio da Manhã, 6 de Outubro de 2010). O director de informação da SIC, Alcides Vieira, refere que “a SIC Notícias é um projecto vencedor, consolidado e que cresce de ano a ano” (Correio da Manhã, 29 de Outubro de 2010).

Sendo a SIC Notícias um canal de informação, boa parte dos conteúdos disponibilizados são naturalmente informativos e produzidos pelos jornalistas da SIC. No entanto, também há espaço para programas de informação importados, programas que misturam informação com entretenimento e para outros contratados pela SIC Notícias a terceiros. Neste artigo, ocupamo-nos dos conteúdos produzidos a partir do trabalho dos jornalistas desta empresa, que constituem a maior parte da oferta do canal.

Quadro 4 > Oferta informativa da SIC Notícias na grelha de Outono/Inverno de 2010

NOME DO PROGRAMA	SINOPSE	PERIODICIDADE	DIA DA SEMANA
Jornal das Nove	Noticiário apresentado por Mário Crespo	Diário	Seg. – Sex.
Edição da Noite	Noticiário diário emitido a partir das 22h onde se discutem os temas fortes do dia	Diário	Seg. – Sex
Jornal da Meia-noite	Noticiário emitido entre as 00h e a 01	Diário	Seg. – Sex.
O Dia Seguinte	Debate das noites de segunda-feira onde se faz o rescaldo da jornada futebolística	Semanal	Segunda-feira
Contraste	Debate político com comentadores residentes	Semanal	Terça-feira
Condenados	Debate no canal temático sobre reportagem exibida no canal generalista	Semanal	Quarta-feira
Negócios da Semana	Debate/entrevista semanal onde os actores da economia portuguesa conversam sobre economia	Semanal	Quarta-feira
Quadratura do Círculo	Programa de debate político	Semanal	Quinta-feira
Expresso da Meia-Noite	Espaço de debate sobre a actualidade nacional e internacional e revista da primeira página do semanário Expresso	Semanal	Sexta-feira
Falar Global	Programa de discussão sobre os desafios da globalização	Semanal	Sábado
Eixo do Mal	Debate semanal onde se discute de forma satírica os acontecimentos da semana	Semanal	Sábado
Sociedade das Nações	Programa de debate sobre temas internacionais	Semanal	Sábado
Plano Inclinado	Debate onde Mário Crespo, Medina Carreira, Nuno Crato, João Duque e convidados discutem os temas da semana	Semanal	Sábado
Jornal de Sábado	Noticiário da noite	Semanal	Sábado
Ponto/Contraponto	Um espaço de opinião assinado por Pacheco Pereira onde este analisa os média	Semanal	Domingo
Tempo Extra	Espaço de opinião e discussão sobre futebol assinado pelo jornalista Rui Santos	Semanal	Domingo
Jornal de Domingo	Noticiário da noite	Semanal	Domingo

A noite informativa começa, nos canais temáticos do cabo, às 21h00. Aqui, a SIC Notícias emite o Jornal das 9, um noticiário com uma linha editorial interventiva, resultante da postura do *pivot* principal (o jornalista Mário Crespo) e com um alinhamento frequentemente desligado da pressão noticiosa do dia. Ali se discutem os temas que vão marcando ou que se pretende que

marquem a agenda mediática. Às 22h, a jornalista Ana Lourenço apresenta a Edição da Noite onde se continua a promover a discussão dos principais temas do dia e a chamar a estúdio personalidades que vão acrescentando outras visões para a interpretação do real em notícia. Após os dois noticiários mais fortes do canal, abre-se espaço para o debate. Todos os dias, programas diferentes com temáticas diversas convidam protagonistas distintos para discutirem os assuntos que estão na ordem do dia: desde o debate em torno do futebol no Dia Seguinte, à conversa económica do Negócios da Semana.

Ao chegar aos 10 anos de vida, que assinalou a 8 de Janeiro de 2001, a SIC Notícias assume-se como líder dos canais de informação. O seu director, António José Teixeira, perspectiva este tempo assim:

“Há 10 anos, a SIC Notícias fez uma revolução na televisão em Portugal. Aproximou os acontecimentos dos espectadores, dedicou-lhes atenção permanente. Esse continua a ser o desafio [...] O nosso tom é urbano, informal, fluentes, simples, sem ser simplista. Gostamos de descomplicar e não de complicar.” [JN, 3 de Janeiro de 2011].

3.5 > RTPN: um canal com programação fora dos estúdios de Lisboa e atenta ao universo digital

A televisão pública também está presente na informação por cabo através da RTPN, originalmente um canal dedicado ao Norte do país. Aproveitando, sobretudo, as duas principais redacções do operador público (Porto e Lisboa), a RTPN transmite a partir de ambos os locais, sendo, por isso, o único canal com emissão própria difundida fora de Lisboa⁵. A oferta informativa da RTPN não difere significativamente daquela proporcionada pela SIC Notícias, centrando-se em noticiários, debates, entrevistas e fóruns de informação. Tal como a sua concorrente mais directa, esta estação também procura promover a discussão em torno dos assuntos da actualidade e acolher em estúdio personalidades que melhor podem conversar sobre os temas em questão. O traço distintivo aqui reside mais nos convidados que se levam a estúdio, um grupo mais diversificado do que a SICN e a TVI 24. O maior problema do canal é o de não conseguir capitalizar audiências. O na altura director adjunto, Carlos Daniel, explicava esta dificuldade nestes termos:

“Que a RTPN não teve um crescimento extraordinário ao nível das audiências, é uma verdade. Mas esse nunca foi um objectivo definido, nem em algum momento dissemos que queríamos liderar [...]. Temos a noção que a RTP teve uma história que não a favorece em

⁵ No período da tarde, a RTPN emite programação informativa a partir dos centros de produção da Madeira e dos Açores.

termos de definição do perfil do canal aos olhos do público. Fazer com que as pessoas percebam que este é um canal essencialmente de informação e que é diferentes dos outros tem sido o esforço dos últimos meses” (Notícias TV, 27 de Fevereiro a 5 de Março).

Quadro 5 > Oferta informativa da RTPN na grelha de Outono/Inverno de 2010

NOME DO PROGRAMA	SINOPSE	PERIODICIDADE	DIA DA SEMANA
À Noite, As Notícias/ Noite Informativa	Noticiário diário	Diário	Seg – Sex
Notícias às 24	Noticiário do fim da noite	Diário	Todos os dias
Pontos de Vista	Programa de debate sobre a actualidade política	Semanal	Segunda-feira
Trio D'ataque	Debate semanal sobre futebol	Semanal	Terça-feira
Directo ao Assunto	Programa de debate semanal onde 3 comentadores residentes discutem a actualidade política nacional	Semanal	Quarta-feira
Pontapé de Saída	Debate semanal em que se faz a ante-visão futebolística do fim-de-semana futebolístico	Semanal	Quinta-feira
Contra-análise	Programa de debate político	Semanal	Sexta-feira
Hora de Fecho	Debate feito entre jornalistas que discutem os temas da semana e fazem uma antevisão da semana que vem	Semanal	Sexta-feira
Zona Mista	Debate de sábado à noite em torno do arranque da jornada futebolística	Semanal	Sábado
4 X Ciência	Programa de debate semanal sobre ciência	Semanal	Sábado
Estação das Artes	Magazine onde se apresentam os principais espectáculos em território nacional	Semanal	Sábado
Eurodeputados	Os Eurodeputados portugueses discutem os temas da actualidade europeia	Semanal	Sábado
Geração saúde	Programa de debate sobre saúde	Semanal	Sábado
Radar de Negócios	Programa sobre a economia real e casos de sucesso de empreendedorismo	Semanal	Domingo
Olhar o Mundo	Programa de actualidade internacional	Semanal	Domingo
Cinemax	Programa de cinema onde se discutem as estreias e entrevistam os protagonistas	Semanal	Domingo

Com uma grelha sobretudo assente em noticiários e debates, a RTPN oferece uma certa variedade temática. Para além dos programas que cobrem os assuntos da actualidade política nacional, o canal tem também conteúdos ligados ao desporto (vários), à economia, à saúde, às matérias internacionais e aos acontecimentos culturais. No entanto, a originalidade desta estação situa-se noutro nível: na aposta nas novas plataformas digitais. Entre Setembro de 2010 e Junho de 2011, a RTPN era (praticamente) o único canal português a integrar regularmente nas suas emissões conteúdos originalmente publicados noutras plataformas mediáticas, como sites da internet ou redes sociais. Em emissões como o *À Noite as Notícias*⁶, o canal fomentava a participação dos telespectadores através dessas novas vias digitais. Esta aposta da RTPN poderá revelar-se de grande utilidade no futuro, em que o ecrã de televisão não já não se assumirá como janela ou espelho do mundo, mas como porta de entrada dos telespectadores.

3.6 > TVI24: um canal à procura do seu espaço televisivo

A TVI24 é o canal de notícias da TVI, estação líder nas audiências em Portugal. Contudo, entre Setembro de 2010 e Junho de 2011, com cerca de dois anos de emissão, a TVI24 continua na terceira posição na lista de canais de informação mais vistos em Portugal, muito longe da SIC Notícias. Neste tempo, a TVI24 construiu uma grelha informativa semelhante às da concorrência, apostando em noticiários e em debates e promovendo o aparecimento de novos *opinion makers*. Há, contudo, um aspecto onde a estação de notícias de Queluz assumiu estar à frente das outras: na expansão dos estúdios virtuais a vários formatos informativos.

⁶ *À Noite as Notícias* foi um formato que desapareceu dia 5 de Maio de 2011, dando origem à *Noite Informativo*. A mancha horária é a mesma, a linha editorial semelhante. Perderam-se duas coisas que, embora parecendo insignificantes, reúnem grande importância: a emissão feita a partir de Gaia passou a ser feita em Lisboa; a integração da plataforma digital no alinhamento do jornal extinguiu-se.

Quadro 6 > Oferta informativa da TVI 24 na grelha de Outono/Inverno de 2010

NOME DO PROGRAMA	SINOPSE	PERIODICIDADE	DIA DA SEMANA
Jornal do Dia	Noticiário das 21h	Diário	Todos os dias
Edição das Dez	Noticiário	Diário	Seg. Sex.
Última Edição	Noticiário que fecha o dia	Diário	Todos os dias
Prolongamento	Debate dedicado ao futebol e ao rescaldo da jornada futebolística	Semanal	Terça-feira
Combate de blogs	Alguns dos mais reputados bloggers nacionais juntam-se à mesa para discutir os temas que marcam a actualidade portuguesa	Semanal	Terça-feira
É Golo	Programa de debate sobre a actualidade do futebol	Semanal	Quarta-feira
Livraria Ideal	Programa de informação e divulgação cultural	Semanal	Quinta-feira
Contas à Vida	Debate sobre finanças públicas protagonizado por dois ex-ministros das finanças	Semanal	Quinta-feira
Mais Futebol	Debate ligado ao futebol num registo mais soft	Semanal	Sexta-feira
Sala de Imprensa	Jornalistas reúnem-se para fazerem uma revista de imprensa	Semanal	Sexta-feira
A Torto e a Direito	Actualidade da semana analisada por três comentadores residentes	Semanal	Sábado
Cinebox	As estreias de cinema e as curiosidades da sétima arte	Semanal	Sábado
Pressão Alta	Depois da jornada futebolística estar completa, dois comentadores discutem as incidências das partidas	Semanal	Sábado
Portugal Português	Programa emitido ao domingo onde se discutem problemas das regiões	Semanal	Domingo
Jornal de Domingo	Noticiário	Semanal	Domingo
De homem para homem	Programa de entrevistas a personalidades da vida pública portuguesa	Semanal	Domingo
Cartaz das Artes	Programa onde se destacam as principais estreias no mercado cultural português	Semanal	Domingo

Ao contrário dos seus concorrentes directos, a TVI24 aposta num número substancial de formatos comprados no estrangeiro. Mesmo assim, este canal apresenta uma oferta informativa variada. Tal como a RTPN e a SIC Notícias, boa parte do alinhamento diário da TVI24 é construído

com noticiários e programas de debate, muito centrado em campos sociais que os canais concorrentes também destacam (política, economia, futebol...). Há, no entanto, um formato onde a estação parece ter-se antecipado em relação à concorrência: no Combate de Blogues abre-se a porta do estúdio aos protagonistas da nova vaga de comunicação na Internet que aí discutem temas sobre os quais escrevem nos seus blogues. Esta iniciativa é inédita em Portugal e uma refrescante marca de criatividade por parte do canal que resolveu chamar à televisão alguns dos notáveis do ciberespaço.

4 > A TV poderá ignorar a ERC? A ERC pode fazer de conta que a TV não cumpre as suas determinações?

Percorrendo a programação informativa dos canais generalistas e temáticos, poder-se-á retirar três conclusões:

- A RTP cumpre, em termos de formatos, aquilo que está estipulado no Contrato de Concessão de Serviço Público, podendo, no entanto, ser mais inovadora na oferta televisiva proposta na RTP1 e na RTPN.
- A SIC e a TVI desrespeitam aquilo que a ERC estipulou aquando da renovação das licenças de TV.
- A SIC Notícias, a RTPN e a TVI 24 vão fomentando alguma diversidade nos temas que noticiam, embora nem sempre promovam a pluralidade de opiniões.

Quem esperava que a deliberação da ERC de Junho de 2006 provocasse uma renovação de fundo da programação televisiva das estações privadas fica certamente desiludido com aquilo que esses canais (não) fizeram. Nem mesmo a insistência da TV pública em programas de debate e de grande-entrevista levou a SIC ou a TVI a adoptar formatos semelhantes⁷. Canais monotemáticos de entretenimento: eis o que continua a caracterizar a programação da SIC e da TVI depois do noticiário das 20h00. Uma tendência que se vinha notando desde 2001 (Lopes, 2007b), sem que nenhuma entidade tivesse tido força suficiente para travar uma engenharia de programação que negava a natureza generalista das estações privadas em horário de maior audiência. Sendo canais privados, mas de concessão pública, a SIC e a TVI violaram, neste tempo, as determinações do órgão regulador e, até certo ponto, aquilo que estipulava a Lei de TV na altura em vigor que os considerava em teoria canais generalistas, sem que o fossem realmente em

⁷ A SIC chegou a incluir na sua grelha formatos de debate, como o Aqui e Agora, e de entrevista, Mário Crespo Entrevista, mas rapidamente estas apostas desapareceram da programação semanal da SIC.

horário nobre. As consequências deste rumo da programação que exclui das franjas de maior audiência a informação semanal são diversas. Apontamos aqui três.

- Estrangulamento do espaço público mediatizado enquanto espaço de discussão de diversas temáticas de interesse público. A substancial diminuição de formatos de debate e de grande-entrevista nos canais generalistas não permite alargar a discussão a diferentes campos sociais. Neste contexto, tende-se a eleger tópicos que gravitam em torno do(s) poder(es) dominante(s), ou seja, fala-se mais do mesmo. Desse modo, avoluma-se uma espiral do silêncio (Noelle-Neumann 1995) que vai expelindo para as margens as temáticas que estruturam o nosso quotidiano, mas que não têm poder para suplantar assuntos considerados de maior importância, porque apresentam um cordão umbilical à ordem dominante. *“Somos os melhores exemplos europeus de arcaicos pós-modernos. Longe de criar uma zona de respiração e um fora, os media amplificaram a comunicação social para novamente a fechar”*, lembra José Gil (2005: 33), num livro sugestivamente intitulado *Portugal Hoje. O medo de existir*.
- Fortalecimento de elites que se perpetuam no poder na exacta medida em que se mantêm nos palcos televisivos. *“Quem não aparece nos media não existe para a realidade política e quem aparece esporadicamente e com uma imagem disfuncional será um elemento marginal”*, escreve Sanchez Noriega (1997: 244), que reconhece igualmente que *“hoje seria improvável que alguns líderes de épocas pré-mediáticas tivessem existido”* (1997: 254). A diminuição das *ágoras* mediáticas origina a saturação das vozes autorizadas a falar na TV, instituindo-se uma espécie de confraria habilitada a discutir temáticas variadas.
- Reconfiguração do noticiário como género televisivo. Vendo-se obrigado a ser esticado até muito depois dos 60 minutos, o noticiário da noite tornou-se uma espécie de albergue espanhol que integra as notícias do dia, as reportagens de média duração, as entrevistas e os debates em estúdio... O telejornal das 20h00 deixa, assim, de apenas reflectir o que de mais importante se passa no país e no mundo. Por um lado, porque o jogo com as audiências e o interesse do público o atiram para uma agenda que persiste em misturar jornalismo com espectáculo das notícias (Thussu, 2007). Por outro, porque as redacções dos canais generalistas privados, confrontando-se com a ausência de espaços na grelha de programação para formatos informativos de conversação em estúdio, misturam-nos com peças noticiosas que se fazem ao ritmo veloz do dia-a-dia.

Há, em torno deste incumprimento da deliberação da ERC, um enigmático silêncio. Se esse mutismo não tivesse consequências directas sobre o espaço público por onde todos circulamos, poderíamos ousar não agir de modo a alterar a actual tendência da oferta televisiva que vem

sendo proporcionada em horário nobre. Mas talvez haja ainda uma outra saída que não aquela de nos sentarmos em frente ao televisor a divertir-nos... até morrer, como, aliás, vaticinava um dos títulos dos livros de Neil Postman [1985].

Bibliografia

- Casetti, Francesco; Odin, Roger [1990]. *“De la paléo à la neotélévision. Approche sémio-pragmatique”*. Rev. *“Communications”*, nº 51, Paris: Le Seuil.
- Cebrian Herreros, Mariano [1978]. *Introducción al Lenguaje de la Televisión. Una perspectiva semiótica*. Madrid: Editorial Pirámide.
- Cebrian Herreros, Mariano [1998]. *Información Televisiva: Mediaciones, Contenidos, Expresión y Programación*. Madrid: Ed. Síntesis.
- Cebrian Herreros, Mariano [2004]. *Modelos de Televisión: generalista, temática y convergente con Internet*. Barcelona: Piados.
- Eco, Umberto [1985]. *La Guerre du Faux*. Grasset.
- Esquenazi, Jean-Pierre [1996]. *Le Pouvoir d'un Média : TF1 et son discours*. Paris: L'Harmattan.
- Gil, José [2005]. *Portugal, Hoje. O Medo de Existir*. Relógio d' Água.
- Gonzalez Requena, Jesús [1995]. *El Discurso Televisivo: espectáculo de la posmodernidad*. Madrid: Catedra.
- Lopes, Felisbela [2007]. *“SIC e TVI longe das recomendações da ERC”*. Actas do 5º Congresso da SOPCOM, (<http://lasics.uminho.pt/ojs/index.php/5sopcom/issue/view/5sopcom/showToc>).
- Lopes, Felisbela [2007b]. *A TV das Elites*. Campo das Letras.
- Lochard, Guy; Boyer, Henri [1995]. *Notre Écran Quotidien*. Paris: Dunod.
- Negri, Alberto; Signorelli, Paolo; De Berti, Raffaelli [1990]. *“Scènes de la vie quotidienne”*. In (dir) Paul Beaud et al. *Sociologie de la Communication*, Ed. CENT, Col. Réseaux.
- Noëlle-Neumann, Elisabeth [1995]. *“La espiral del silencio. Una teoría de la opinión pública”*. In Ferry, Jean-Marc et al. *El Nuevo Espacio Público*. Gedisa Editorial, Barcelona.
- Rizza, Nora [1990]. *“Construire des Palimpsestes”*. Rev. *“Réseaux”*, nº 44/45.
- Sánchez Noriega, José Luis [1997]. *Crítica de la Seducción Mediática*. Ed. Tecnos.
- Thussu, Daya Kishan [2007]. *News as Entertainment: The Rise of Global Infotainment*. Sage
- Williams, Raymond [1975]. *Television, Technology and Cultural Form*. New York: Schocken Books.

Documentos legais

Constituição da República Portuguesa.

Contrato de Concessão de Serviço Público de Televisão, 25 de Março de 2008.

Lei da Televisão (Lei nº27/2007, de 30 de Julho).

Deliberações da Entidade Reguladora para a Comunicação Social: 1-L/2006, de 20 de Junho.

Jornais

Correio da Manhã, 29 de Agosto de 2010

Correio da Manhã, 6 de Outubro de 2010

Correio da Manhã, 29, de Outubro de 2010

Diário de Notícias, 8 de Agosto de 2006

Diário de Notícias, 1 de Outubro de 2010

Jornal de Notícias, 3 de Janeiro de 2011

Jornal de Notícias, 8 de Setembro de 2010

Jornal de Notícias, 12 de Outubro de 2010

Jornal de Notícias, 27 de Outubro de 2010

Jornal de Notícias, 29 de Outubro de 2010

Noticias TV, 27 de Fevereiro a 5 de Março de 2011

Noticias TV, 20 a 26 de Maio de 2011